

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

MILLENA CASSIM RODRIGUES GUEDES

**CONTRIBUTOS PARA O ESTUDO DA DOCUMENTAÇÃO  
LATINO-PORTUGUESA: ANÁLISE PALEOGRÁFICA DE  
ABREVIATURAS VISIGÓTICAS EM TEXTOS DO SÉCULO XI**

RIO DE JANEIRO

2022  
MILLENA CASSIM RODRIGUES GUEDES

**CONTRIBUTOS PARA O ESTUDO DA DOCUMENTAÇÃO  
LATINO-PORTUGUESA: ANÁLISE PALEOGRÁFICA DE  
ABREVIATURAS VISIGÓTICAS EM TEXTOS DO SÉCULO XI**

Monografia submetida à Faculdade de  
Letras da Universidade Federal do Rio  
de Janeiro, como requisito parcial para  
obtenção do título de Licenciada em  
Letras na habilitação Português/ Latim.

Orientador: Prof. Dr. Leonardo Lennertz Marcotulio

RIO DE JANEIRO  
2022

## CIP - Catalogação na Publicação

C345c Cassim Rodrigues Guedes, Millena  
CONTRIBUTOS PARA O ESTUDO DA DOCUMENTAÇÃO LATINO  
PORTUGUESA: ANÁLISE PALEOGRÁFICA DE ABREVIATURAS  
VISIGÓTICAS EM TEXTOS DO SÉCULO XI / Millena Cassim  
Rodrigues Guedes. -- Rio de Janeiro, 2022.  
31 f.

Orientador: LEONARDO LENNERTZ MARCOTULIO.  
Trabalho de conclusão de curso (graduação)  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade  
de Letras, Licenciado em Letras: Português -  
Latim, 2022.

1. Paleografia. 2. proto-histórico. 3. latim  
notarial. 4. abreviaturas. I. MARCOTULIO, LEONARDO  
LENNERTZ, orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a)  
autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

## FOLHA DE AVALIAÇÃO

### CONTRIBUTOS PARA O ESTUDO DA DOCUMENTAÇÃO LATINO-PORTUGUESA: ANÁLISE PALEOGRÁFICA DE ABREVIATURAS VISIGÓTICAS EM TEXTOS DO SÉCULO XI

Monografia submetida à Faculdade de  
Letras da Universidade Federal do Rio  
de Janeiro, como requisito parcial para  
obtenção do título de Licenciada em  
Letras na habilitação Português/ Latim.

Data de avaliação: 04 / 04 / 2022

Banca Examinadora:

\_\_\_\_\_ NOTA: \_\_\_\_\_ Prof.  
Dr. Leonardo Lennertz Marcotulio, UFRJ – Presidente da Banca Examinadora

\_\_\_\_\_ NOTA: \_\_\_\_\_ Prof.  
Ms. Marcus Vinícius Pereira das Dores, UFMG/USP – Leitor Crítico

MÉDIA: \_\_\_\_\_

Assinaturas dos avaliadores:

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

# SUMÁRIO

Introdução.....	7
1. Corpora do trabalho.....	9
1.1. Fac-símile da carta de venda da Adosinda.....	10
1.1.1 Ficha de descrição.....	11
1.2. Fac-símile da carta de Couto e Aforamento.....	12
1.2.1. Ficha de descrição.....	13
2. Escrita visigótica.....	14
3. O Latim Notarial.....	16
4. Critérios para a realização da transcrição paleográfica.....	17
4.1. Transcrição paleográfica da carta de Adosinda.....	19
4.2. Transcrição paleográfica da carta de Couto e aforamento.....	21
5. Estudo das abreviaturas.....	23
5.1. Abreviaturas por apócope ou suspensão.....	24
5.2. Abreviaturas por síncope ou contração.....	26
5.3. Abreviaturas de letras "numéricas".....	27
5.4. Notas tironiadas e nomina sacra.....	28
5.5. Abreviaturas especiais.....	29
Considerações finais.....	30
Referências bbibliográficas.....	31

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer à minha avó, Ana Maria Cassim, e à minha mãe, Patrícia Cassim, por me apoiarem e por lutarem para que eu não desistisse dos meus estudos.

Agradeço ao grupo de pesquisa o qual fiz parte, LabEFil, que foi essencial para minha formação na faculdade. Agradeço principalmente ao orientador do grupo e também meu orientador, Leonardo Marcotulio, por entender todos os meus receios, minhas dificuldades e por me ajudar a ultrapassá-los.

O próximo agradecimento dedico ao Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, por me proporcionar uma bolsa de iniciação científica que me possibilitou acessar e aproveitar oportunidades a partir da realização deste trabalho durante os anos de 2020 e 2022.

Agradeço, por fim, à UFRJ e à Faculdade de Letras, por me abrigarem durante esses anos em que pude me conhecer e reconhecer como pessoa, professora e pesquisadora. Agradeço também por me proporcionarem conhecer minhas amigas, Ana Carolina, Bruna e Rafaela, que contribuíram para minha formação.

## Introdução

O ato de abreviar pode ser entendido e relacionado com a maneira de “tornar-se breve, reduzir-se, resumir”, a partir da definição do dicionário HOUAISS da Língua Portuguesa (2001). A partir da definição exposta e conforme Sobral (2007, p. 10), o ato de abreviar é “uma forma de representar as palavras por sinais e alguns elementos gráficos.” entendido como um ato de grande complexidade pois “uma vez que nesse processo, as palavras são reduzidas de diferentes formas.”, a partir das quais formam-se as abreviaturas.

Pode-se pensar de maneira geral, que as abreviaturas estão interligadas ao processo de economia de espaço e tempo na elaboração de um texto escrito. Para a área da paleografia e filologia, tal afirmativa não se apresenta de maneira consensual.

É possível que, de maneira geral, se pense que as abreviaturas estão relacionadas diretamente à economia de tempo de execução de uma determinada palavra e economia de espaço físico, em relação ao suporte da escrita. Essa justificativa, no entanto, não parece ser consensual na literatura da área. De acordo com Núñez Contreras (1994, p. 107, tradução própria), por exemplo, “escrever uma palavra abreviada pode levar mais tempo e exigir mais atenção do que se escrever com todas as suas letras.” De igual forma, a economia de espaço também é questionada pelo autor, por falta de respaldo mais consistente. Duchowny, Coelho e Coelho (2014) compartilham dessa ideia e sugerem que economia de tempo e economia de espaço podem ser noções dissociadas. Algumas abreviaturas podem até apontar para uma economia de espaço físico no suporte, mas serem, ao mesmo tempo, mais elaboradas.

Seja como for, estamos diante de procedimentos fixados nas práticas de escrita de determinada época, que podem ter se formado ao longo do tempo por razões diversas, para além da economia de tempo e espaço, como uma consequência da “frequente repetição de uma mesma palavra” por um determinado grupo social (NUÑEZ CONTRERAS, 1994, p. 107), por exemplo.

O uso de sistemas de abreviaturas é muito antigo, existindo desde a época Romana e tendo se popularizado durante o período medieval, quando são registradas em grande quantidade nos manuscritos (SOBRAL, 2007, p. 13). Higounet (2003) ressalta que no período que compreende os séculos X e XI ocorre uma multiplicação do ato de abreviar.

Dentro do âmbito paleográfico, as abreviaturas são umas das maiores causas das dificuldades enfrentadas durante o processo de leitura e transcrição paleográfica (BERWANGER; LEAL, 2015, p. 91-94). Entender e estudar esses sistemas é um papel muito

importante para a compreensão dos textos medievais, pois a decifração das abreviaturas contribui para a interpretação de um texto (SPINA, 1977, p. 44).

Neste sentido, consoante à discussão levantada anteriormente, este trabalho tem como objetivo dar continuidade aos resultados obtidos na pesquisa desenvolvida e realizada em Guedes e Marcotulio (2021; 2022) a partir da pesquisa de iniciação científica, realizada no âmbito do Laboratório de Estudos Filológicos, pela análise de dois documentos conservados no Arquivo Nacional da Torre do Tombo (doravante ANTT). Apresentaremos, então, a transcrição paleográfica de ambos documentos juntamente com o levantamento das abreviaturas localizadas.

Dessa forma o presente trabalho estrutura-se da seguinte forma. Na primeira seção serão apresentados os corpora do juntamente com suas informações arquivísticas, com as fichas de descrição dos documentos e as edições fac-similares, disponibilizadas pelo ANTT e,. Na segunda seção, serão realizadas fundamentações do modelo de escrita presente nos documentos, sendo a escrita *visigótica*, presente em território Ibérico nos séculos IX e XII d.C. Na terceira seção serão apresentadas as características linguísticas que abarcam essa documentação, sendo o latim notarial. Como quarta seção, serão apresentadas as normas de transcrição utilizadas para a elaboração do trabalho paleográfico realizado aqui concomitantemente com as transcrições paleográficas. A quinta e última seção é dedicada ao estudo e caracterização das abreviaturas presentes nas documentações aqui analisadas a partir da análise de Muñoz y Rivero (1919) e Sobral (2007).

## 1. Corpora do trabalho

Para a realização deste trabalho, iniciado em Guedes et al (2021; 2022), foram utilizados e estudados dois documentos conservados no Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT).

O primeiro documento consta com uma carta de título : "Carta de venda feita por adosinda justiz a joão gondesindes e mulher ximena de uma herdade na vila de são vicente, território de lafões, pelo preço de 9 soldos de prata", de 1100. A partir dos dados fornecidos pelo arquivo, o manuscrito, de número 56, pertence ao maço 1 dos Documentos particulares do Cabido da Sé de Coimbra, que compreende testemunhos datados dos séculos X-XI<sup>1</sup>, podendo ser localizado pelo código PT/TT/CSC/1DP01/056.

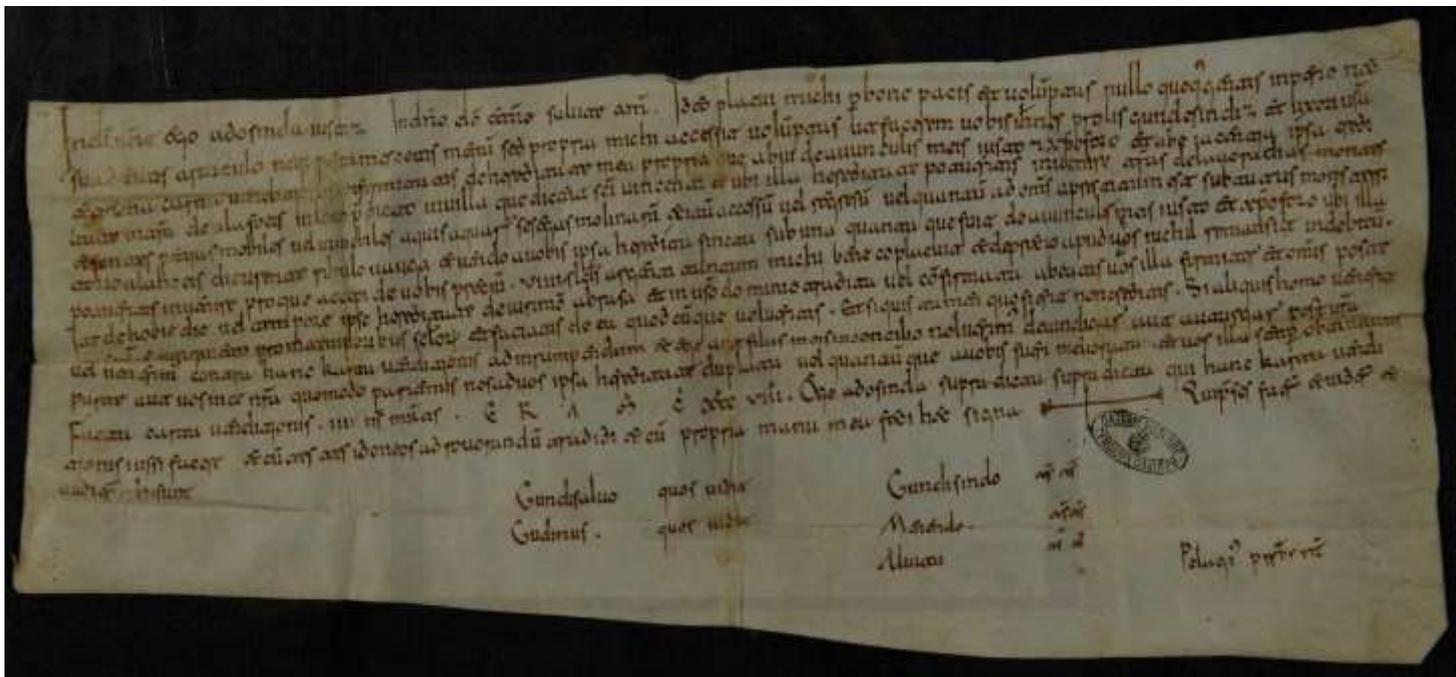
Já o segundo documento consta com uma carta de título: “Carta de Couto e Aforamento dada por D. Afonso Henriques a Domingo Peres e outros, das propriedades chamadas Almuinha do Rei, no Arrabalde de Coimbra e Assamassa, outorgando vários privilégios aos povoadores”. A partir dos dados fornecidos pelo arquivo, o manuscrito, de número 8, pertence ao maço 1 dos Cónegos Regulares de Santo Agostinho, do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, datado de 1135, podendo ser localizado pelo código PT/TT/MSCC/A/1DR1/8.

---

<sup>1</sup> Cabido da Sé de Coimbra, 1.ª incorporação, Documentos particulares, mc. 1, n.º 56. Disponível em: <<https://digitalq.arquivos.pt/details?id=6545525>>. Consulta em: 20 ago 2020.

# 1.1. Fac símile da carta de venda da Adosinda

**Imagem 1:**  
Fac-símile disponível no acervo digital do ANTT



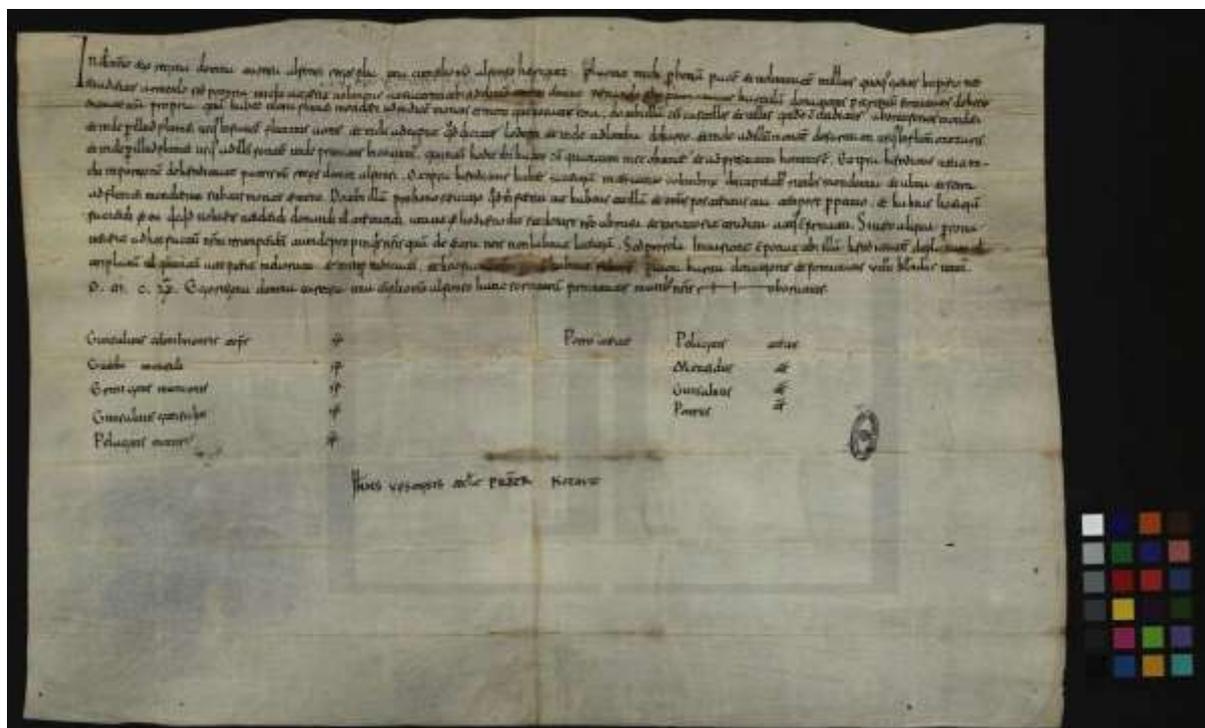
### 1.1.1. Ficha de descrição

**Quadro 1:** Ficha de descrição da carta de venda

Data cronológica	4 de março de 1100
Data tópica	São vicente de Lafões, Portugal
Tipologia textual	Carta de venda
Autor	Adosinda Justiz
Destinatário	João Gondesindes e mulher Ximena
Registro	Manuscrito
Suporte	Pergaminho
Estado de conservação	Bom
Número de fólios	1
Cota	PT/TT/CSC/IDP01/0561100-03-04
Conteúdo	Carta de venda feita por Adosinda Justiz sobre a venda de uma herdade na vila de São Vicente de Lafões, freguesia Portuguesa, vendida pelo preço de 9 soldos de prata para João Gondesindes e sua mulher, Ximena.
Transcrição	Millena Cassim Rodrigues Guedes
Revisão da transcrição	Leonardo Lennertz Marcotulio
Data de elaboração da ficha	29 de maio de 2021

## 1.2. Fac-símile da carta de Couto e Aforamento

Imagem 2:  
Fac-símile disponível no acervo digital do ANTT



### 1.2.1. Ficha de descrição

**Quadro 1:** Ficha de descrição da carta de couto e aforamento

Data cronológica	18 de maio de 1135
Data tónica	Almuinha do Rei
Tipologia textual	Carta de couto e aforamento
Autor	D. Afonso Henriques
Destinatário	Domingo Peres e outros
Registro	Manuscrito
Suporte	Pergaminho
Estado de conservação	Bom
Número de fólios	1
Cota	PT/TT/CSC/IDP01/0561100-03-04
Conteúdo	Carta de Couto e Aforamento dada por D. Afonso Henriques a Domingo Peres e outros, das propriedades chamadas Almuinha do Rei, no Arrabalde de Coimbra e Assamassa, outorgando vários privilégios aos povoadores
Transcrição	Millena Cassim Rodrigues Guedes
Revisão da transcrição	Leonardo Lennertz Marcotulio
Data de elaboração da ficha	29 de maio de 2021

## 2. Escrita visigótica

A escrita presente na documentação latino-portuguesa, e no documento em particular aqui estudado, é nomeada como visigótica. Trata-se de um modelo utilizado em documentos manuscritos no território da Península Ibérica entre os séculos VIII-XII, que faz parte de um conjunto de escritas conhecidas como "pré-carolinas" ou "nacionais" (CUENCA MUÑOZ, 2000, p. 74-75), que são variedades de escritas desenvolvidas a partir da chamada escrita nova romana, um modelo cursivo e minúsculo, e utilizadas antes da escrita carolina que unificou boa parte da escrita na Europa (HIGONET, 2003, p. 115-125).

A evolução da escrita nova romana se deu após o período da queda do império romano, que resultou numa fragmentação dos territórios pertencentes a Roma, dando lugar à fragmentação gráfica caracterizada pelos particularismos gráficos (GIOGIO CENCETTI, 1956 *apud* CUENCA MUÑOZ, 2000, p. 74). De acordo com Cuenca Muñoz (2000), esses particularismos gráficos foram anacronicamente nomeados como "escritas nacionais", termo cunhado por Jean Mabillon, e têm como modelos as escritas das Ilhas britânicas, irlandesa e anglo-saxã (séc. VI-XII); da Itália, longobarda no norte e beneventana no sul (VI/VIII-XIII); da França, merovíngia e carolina (VI/VII-IX); e da Península Ibérica, visigótica (VIII-XII).

Em relação à escrita visigótica, sua nomenclatura se deu a partir do povo visigodo, que ocupou o território ibérico alguns séculos antes do estabelecimento dessa escrita, mas só foi utilizada como modelo em documentos manuscritos durante a ocupação muçulmana no território, que se deu a partir do século VIII. Por ser nomeada a partir de um povo, mas utilizada em séculos posteriores, existe uma certa problematização quanto à sua nomenclatura. Os paleógrafos, no entanto, a denominam de visigótica por ser o termo estabelecido e convencionado na área (SANTOS, 2000, p. 95).

Do ponto de vista paleográfico, a escrita visigótica possui algumas particularidades. De acordo com Cuenca Muñoz (2000, p. 85), alguns estudiosos consideram-na a escrita mais particular e com características próprias e específicas que a distingue da sua escrita de origem, a nova romana. As principais particularidades dizem respeito à sua divisão em relação aos modelos adotados: escrita visigótica redonda e escrita visigótica cursiva.

Na escrita visigótica redonda as letras são traçadas mais isoladamente, apresentando um menor número de nexos (união de um conjunto de letras seguidas que apresentam um traço em comum; procedimento realizado de forma voluntária) e ligaduras (união natural das

letras ou palavras pela cursividade; procedimento realizado de forma involuntária) (ALTURO i PERUCHO, 2016, p. 122). Tem, assim, um aspecto mais caligráfico. Em contrapartida, na escrita visigótica cursiva as letras são traçadas a partir do “correr da mão” (MARÍN MARTÍNEZ, 1988, p. 117), apresentando, assim, uma maior quantidade de nexos e ligaduras pelo maior grau de cursividade.

Além de ambas as divisões, pode-se encontrar textos em visigótica semicursiva, uma mescla da escrita redonda e cursiva, e textos em visigótica de transição para a carolina, uma escrita visigótica com influência da escrita carolina até o processo de mudança para a esta última escrita (SANTOS, 2003).

No que se refere aos textos que estão sendo contemplados neste artigo, observa-se a escrita visigótica redonda, sendo as letras traçadas de forma isolada, de modo mais caligráfico.

### 3. O latim notarial

Quando analisamos documentos em escrita visigótica localizados no futuro território de Portugal, é preciso que se leve em consideração não apenas as particularidades do modelo de escrita utilizado, mas também do período em que esses documentos foram escritos. Os documentos em escrita visigótica que estejam datados do século IX até o século XII abarcam um período caracterizado, nos estudos de história da língua portuguesa, como proto-histórico. Mattos e Silva (2008) defende que esse período se insere em outro período descrito como pré-literário, ou seja, anterior à escrita em língua portuguesa. Uma das principais características do período proto-histórico é a presença de documentos escritos em latim, mas que já apresentam traços da futura variedade românica que se desenvolve no noroeste da Península Ibérica (MATTOS e SILVA, 2008, p. 22).

O latim utilizado nessa documentação remanescente foi nomeado pela filologia portuguesa como "latim bárbaro", mas também encontram-se as nomenclaturas de "latim notarial" ou "latim tabeliônico", enquanto a documentação pode ser descrita como "latino-portuguesa":

“Este termo [latim bárbaro], usado continuamente em Portugal por historiadores e filólogos pelo menos desde o século XIX para designar a língua escrita dos documentos notariais redactados entre os séculos IX e XIII (sendo ainda hoje recorrente entre os académicos portugueses), recebeu o seu estatuto “oficial” do fundador da filologia portuguesa, Francisco Adolpho Coelho, que considerava essa forma de escrita como nada mais do que uma “gíria de tabelliães e de gente de igreja” (COELHO, 1868:25) ou “gírias de tabelliães ignorantes” (COELHO, 1887:124).” (EMILIANO, 2010, p. 6)

Desta forma, o documento escolhido para este estudo está escrito em latim, pensando-se na concepção geral do termo e de acordo com as informações do arquivo, mais especificamente o latim notarial, ou seja, aquele em que se encontram vestígios da língua romance que se desenvolve em Portugal. Além disso, é importante destacar que o latim notarial presente em documentos era apenas uma língua de registro, uma vez que, por apresentar vestígios da variedade românica, por hipótese, esta já seria evidente na oralidade daqueles escribas antes de se encontrarem vestígios na escrita (EMILIANO, 2010).

## 4. Critérios para a realização da transcrição paleográfica

As normas de transcrição utilizadas foram elaboradas com base nas “Normas para transcrição de documentos manuscritos para a história do português do Brasil” do Projeto “Para a História do Português Brasileiro (PHPB)” disponibilizadas em Mattos e Silva (2001) e nas “Normas Técnicas para Transcrição e Edição de Documentos Manuscritos” apresentadas em Berwanger e Leal (2015).

Levando-se em consideração o estudo das abreviaturas visigóticas que será realizado posteriormente neste artigo, optamos pela elaboração de uma transcrição conservadora, pensando em manter de forma fiel os elementos presentes no documento, incluindo-se as abreviaturas, como se pode observar nas normas apresentadas a seguir:

- (1) A transcrição foi de natureza conservadora.
- (2) As variações alográficas de um mesmo grafema foram uniformizadas.
- (3) As abreviaturas não foram desenvolvidas e foram mantidas como no modelo.
- (4) A pontuação, os acentos gráficos e diacríticos foram mantidos como no modelo.
- (5) Foi mantida a troca de linha (edição justalinear) sendo marcada como “L1 (linha um)”; “L2 (linha dois)”, para as linhas, e “C1 (coluna 1), C2 (coluna 2), para as colunas.
- (6) Foi respeitado o emprego de maiúsculas e minúsculas como se apresentam no modelo.
- (7) Quando houve dúvida sobre a decifração de alguma letra, parte de ou vocábulo inteiro, o elemento em questão foi posto entre colchetes e em itálico. Exemplos: “neq: pe[*r*ti]me[*s*]cetis [meti] sed ”
- (8) Letra ou palavra(s) simplesmente não decifradas, sem deterioração do suporte, justificam intervenção do editor com a indicação entre colchetes conforme o caso: [?] para letras, [inint.] para vocábulos e [inint. + n linhas] para a extensão de trechos maiores. Exemplos: “ua[?]ga”; “[inint.]na cart[*a*]”.
- (9) Letra ou palavra(s) não legíveis por deterioração ou rasura justificam intervenção do editor com a indicação entre colchetes conforme o caso: [.] para letras, [ilegível] para

vocábulos e [ilegível. + n linhas] para a extensão de trechos maiores. Exemplos: “[ilegível] [ilegível]eto pro inteinporibus”. Em casos necessários, o editor indicou em nota a causa da elegibilidade: corroído, furo, borrão, rasura, etc.

(10) Supressões feitas pelo escriba ou pelo copista no modelo foram tachadas. Exemplos: “~~supra dicata~~”. A repetição que o escriba ou copista não suprimiu passou a ser suprimida pelo editor, colocando-a entre colchetes duplos. Exemplo: “~~supra dicata~~ [[supra dicata]]”.

(11) As assinaturas, quando legíveis, foram transcritas normalmente. Caso contrário, foram sinalizadas como [assinatura].

(12) Os sinais públicos e as rubricas foram sublinhados e indicados entre colchete: [sinal público], [rubrica].

(13) Inserções do escriba ou do copista, para não conferir à mancha gráfica um aspecto demasiado denso, obedecem ao seguinte critério: Se na entrelinha do documento original, entraram na edição em alinhamento normal e entre os sinais: [ ]; [↑], se na entrelinha superior; [↓], se na entrelinha inferior. Por exemplo: “quoq[↑9]”.

## 4.1. Transcrição paleográfica da carta de Adosinda

L1: Indĩñne ego adosinda iustiz Indño dõ [etiño] saluate am̃. Ideo placui michi ꝥ bone pacis et uolũpt[a]s nullo quoq[↑9] gent[i]s inperio nec

L2: [suadeitis] articulo neq: pe[r]ti]me[s]cetis [metũ] sed propria michi accesit uolũptas ut facerem uo bisihner prolis gundesindiz et uxori usã

L3: [inint.]na cart[a] uendi[tionis] [ilegível] firmitatis de hereditate mea propria que abui de auun culis meis iusto [et] x̃p̃oforo et abe [iaceitia] ipsa eredi

L4: tate in[ti]ã de ala foeis in loco ꝥ dicto in uilla que diceit sc̃i uincenti et ubi illa hereditate potueritis in uenire [t̃ras] delauora dias monaes

L5: et fontes petrus mobiles uel in mobiles aquis aquar [símbolo] [seregas] molinarũ x̃itũ accessũ uel regresũ uel quantũ ad oĩs aprertitum est subtutus monste[r]ri

L6: torio alaho eis dicurente ribulo ua[?]ga et uendo auobis ipsa heredita fincti subuna quantum que fuit de a[uii]nculis meis iusto et x̃p̃oforo ubi illa

L7: potieritis inuenire pro que accepi de uobis preciũ. Viii. [slcTs] argeiti tantum michi bene coplacuit et deprecio apud uos nichil remansit indebitĩ.

L8: Ite de hodie die uel tempore ipse hereditate deiuri[m]õ abraza et in uõ do minio tiaditu uel cõfirmata abeatis uos illa firmiter et oĩs poste

L9: [ilegível] [ilegível]eto pro inteinporibus [scTort] et faciatis de ea quod cũque uolu[?]itis. Et siquis tuinen quo fierit non creditis. Si aliquis homo uenerit

L10: uel uen erim[↑9] contra hanc karta ueiditionis ad inrumpendam et ego aut filius meis in concilio noluerim[↑9] de[ui]ndigar(?) aut autusgar(?) post uĩa

L11: parte aut uosince nĩa quomodo pariem[ii]s nosaduos ipsa hereditate duplatu uel quantũ que auobis fueri meliorata. Et uos illa semp obtine[atis]

L12: Facta carta ueriditionis. IIII ñs m̃R̃ts. ERA M[↑a] C[↑a] X[↑a]XX VII[↑a]I. Ego adosinda ~~supra dicata~~ [[supra dicata]] qui hanc karta ueidi

L13: tionis iussi facere et cũ tes [[tes]] idoneos ad rouorandũ tradidi et cũ propria manu mea feci hec signa [sinal] [S]uiþses fueĩ et uideĩ et

L14: audieĩ hisunt

C1: Gundisaluos quos uidit Gundisindo tĩ tĩ

C2: Gudirius. quos uidit Meieido tĩ tĩ

C3: Aluitu tĩ tĩ

C4: Pelagi[↑9] p[rr]br [rĩ]

## 4.2. Transcrição paleográfica da carta de couto e aforamento

L1: Indinñe ego regina domna tireisa alfonsi regis filia uma cum filio mō alfonso heiriquiz. placuit michi ꝑ bonã pacẽ et uolu[n]tatẽ nullius quoq<sup>9</sup> [geiais] Imperio nec

L2: suad eitis articulo sed propria michi accessit uoluntis ut facerem tibi fidelimō [comica] domno fernando filio [ilegível]<sup>2</sup> kartulã donationis ꝑscriptũ firmitatis dehere

L3: ditate inã propria quã habeo ultra flumei mondeci ad radicẽ monais ermeni que uocatis fena. do tibi illã cū castellis Et uillas quindō ã duditus abortufontis mondeci

L4: et inde ꝑ illud flumei urq<sup>9</sup> Infaucẽ fluminis aonis et inde ad caput q̄d dicitur lodefei. Et inde ad lombã debarco. Et inde ad illũ montẽ desartaon urq<sup>9</sup> influm̄ ozezaris.

L5: et inde ꝑ illud flumei urq<sup>9</sup> ad illũ fontẽ unde primitus Incoauim<sup>9</sup>. quantũ hodie ibi habeo cū quantum inse obtine[?] Et ad prestit[i]um hominisẽ. Et ipsa hereditas [ueiit] mi\_

L6: chi inportionẽ de hereditate patris mĩ regis domni alfonsi. Et ipsa hereditus habet iaceutia in t̄[rr]itorio colimbrie discu[rr]eitib<sup>9</sup> ruiulis mondouua Et aluia Et seira

L7: ad flumei mondecum subtus monte ermeno. Do tibi illã pro bono seruitio q̄d m<sup>i</sup> feceti ut habeas tu illã Et om̄s posteritus tua tempore ꝑpetuo. Et habeus liceitiã

L8: facieidi [ec] ea q<sup>i</sup>cq<sup>i</sup>d uolueris ueideidi donandi ut [tertandi]. itaut [et] hodierno die s[?] deiure n̄so abraza Et iurituosit tradita atq<sup>9</sup> ãfirmatu. Siuero aliqua ꝑsona

L9: ueierit ad hoc factũ n̄sm i[rr]umpeidũ tamde pro pinq<sup>i</sup>s n̄sis quã de [ectra] neis non habeat liceitiã. Sed prosola Inuasionẽ ãponat tibi illã hereditatẽ dupla tam ut

L10: triplatã ut quantũ ate fuerit meliorata. et insup̄ iudicatũ. Et hoc fac[ilegível]<sup>3</sup> [ilegível]<sup>4</sup> habeat robosẽ. Facta karta donationis Et firmitatis VII<sup>o</sup>II [kTndas] iuniũ.

L11: E. M. C. LX<sup>a</sup>. Ego regina domna tireisa uma cū filio mō alfonso hanc scraturã firmitatis manib<sup>9</sup> n̄sis r [sinal] oboramus.

---

<sup>2</sup> Possível leitura: [petricomitis]

<sup>3</sup> [2] Possível leitura: [tũ]

<sup>4</sup> [3] Possível leitura: [firnũ]

L12: Gunsaluus colimbriensis [?]ec̄ps [j̃] Po[rr]o terter Pelagius tertis.

L13: Gueda meneidi [j̃] Meneidus t̄s

L14: Erinigius munionis [j̃] Gunsaluus t̄s

L15: Gunsaluus gunsalui [j̃] Petrus t̄s

L16: Pelagius ramiri. [j̃]

L17: JTNNS VESe[NJ]SiS [s]ecte PRB̄tR NotaVit

## 5. Estudo das abreviaturas

O estudo das abreviaturas pode auxiliar o historiador da língua a acessar a língua presente nos documentos, assim como outros profissionais de áreas diversas, a quem os textos possam interessar. A transcrição conservadora, ou seja, elaborada sem o desenvolvimento das abreviaturas, por si só já serviria de auxílio como fonte de estudo para filólogos e historiadores da língua. No entanto, o desenvolvimento das abreviaturas torna-se útil para uma melhor compreensão da língua presente nos documentos, que, como visto anteriormente, é uma língua híbrida, latino-romance. Dessa forma, o desenvolvimento das abreviaturas pode, de alguma forma, facilitar a interpretação dos textos.

Com o intuito de dirimir as dificuldades provocadas pela presença de abreviaturas, em relação à leitura e estudo de documentos do período proto-histórico, serão apresentadas nesta seção as abreviaturas levantadas no documento. O presente trabalho não traz um levantamento exaustivo das abreviaturas, mas sim um recorte de um estudo maior que vem sendo realizado.

Em nenhuma parte do manuscrito foram encontradas formas desenvolvidas das abreviaturas presentes, o que implica dificuldades na realização da transcrição e no entendimento do texto completo. Assim, aqui serão apresentadas as abreviaturas levantadas no documento e suas respectivas classificações, tendo como base a proposta de Muñoz y Rivero (1919) e a obra de Sobral (2007). Dessa forma, o modelo de apresentação das abreviaturas seguirá o formato de quadros contendo o fac-símile da abreviatura, a linha em que se encontra e seu desdobramento, apresentado entre parênteses. Para a realização do desdobramento, utilizou-se a forma que essas abreviaturas apareciam no texto de Muñoz y Rivero (1919).

Durante o estudo das abreviaturas no *corpus* de trabalho, foram encontradas cerca de 56 abreviaturas. Por ser um estudo em fase inicial, apenas algumas delas serão apresentadas neste artigo, pois foram as que conseguimos decifrar e propor o seu desenvolvimento. Dessa forma, boa parte das abreviaturas não foi desenvolvida por dificuldade na identificação das letras ou sílabas que foram suprimidas e por não encontrarmos sua forma desenvolvida em textos que tratassem sobre a escrita visigótica.

Dito de outra forma, uma das maiores dificuldades encontradas no estudo em questão foi compreender quais palavras faziam referência a determinadas abreviaturas. Para auxiliar

no desdobramento das abreviaturas, foram utilizados dicionários latino-portugueses para a identificação de determinadas palavras. Além do uso dos dicionários, também foram utilizadas as listas de abreviaturas disponibilizadas por Muñoz y Rivero (1919, p. 89-109) ao realizar o estudo da braquigrafia visigótica.

Como teremos a oportunidade de ver, algumas das abreviaturas aqui apresentadas se valem de sinais (gerais ou especiais) de abreviação, em que são usados elementos gráficos para substituir letras ou sílabas (SOBRAL, 2007, p. 28). Um dos sinais encontrados é um sinal geral, também chamado de "traço geral abreviativo", usado como recurso na parte superior da palavra representando a sílaba ou letra que foi suprimida, como exemplificado na imagem 2 com a palavra "cu(m)" ou na parte inferior da haste de uma letra, como se vê na imagem 3 com a palavra "p(er)".

**Imagem 3:** imagem retirada da nona linha do fac-símile da carta de Adosinda



**Imagem 4:** imagem retirada da décima primeira linha do fac-símile da carta de Adosinda

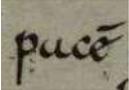
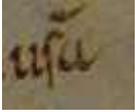
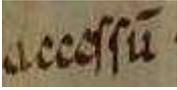
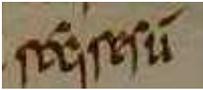
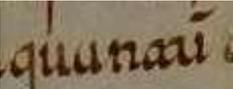
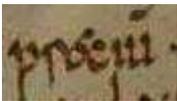


Vejamos, nas subseções a seguir, como se classificam as abreviaturas aqui levantadas.

### **5.1. Abreviaturas por apócope ou suspensão**

Nas abreviaturas por apócope ou suspensão ocorre a "supressão das letras finais da palavra e o uso de sinais gerais de abreviação" (MUÑOZ y RIVERO, 1919, p. 91). Nos documentos estudados, estas são localizadas em grande quantidade, como se vê no quadro que se segue:

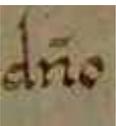
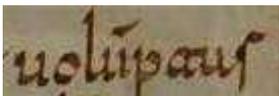
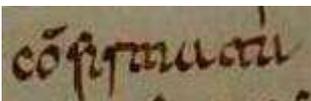
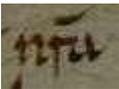
**Quadro 3:** Abreviaturas por apócope ou suspensão

Imagem da abreviatura	Linha	Desenvolvimento	Documento
	1	am(em)	Adosinda
	1	pace(m)	D. Afonso
	1	p(er)	Adosinda
	2	usa(m)	Adosinda
	3	illa(m)	D. Afonso
	5	accessu(m)	Adosinda
	5	regressu(m)	Adosinda
	5	quantu(m)	Adosinda
	7	preciu(m)	Adosinda
	9	c(um)	D. Afonso

## 5.2. Abreviaturas por síncope ou contração

São as abreviaturas nas quais as letras suprimidas pertencem ao centro da palavra (MUÑOZ y RIVERO, 1919, p. 93-94). De acordo com os autores, as letras normalmente suprimidas são <m> e <n>. No quadro abaixo pode-se observar algumas abreviaturas encontradas.

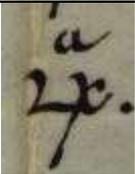
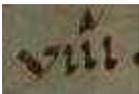
**Quadro 4:** Abreviaturas por síncope ou contração

Imagem da abreviatura	Linha	Desenvolvimento	Documento
	1	d(omi)no	Adosinda
	1	d(e)o	Adosinda
	1	uolu(m)ptas	Adosinda
	8	co(n)firmata	Adosinda
	11	n(ost)ra	Adosinda

### 5.3. Abreviaturas de letras "numéricas"

Na escrita visigótica é comum encontrarmos o sistema numérico romano, usado pelas letras I, V, X, L, C, D e M. Os numerais romanos são formados por abreviaturas indicadas com uma letra sobreposta, podendo ser <o> ou <a>, e representam os numerais ordinais (MUÑOZ y RIVERO, 1919). No documento encontramos quatro abreviaturas de letras numéricas, apresentadas no quadro a seguir.

**Quadro 5:** Abreviaturas de letras "numéricas"

Imagem da abreviatura	Linha	Desenvolvimento	Documento
	10	(nono)	D. Afonso
	11	(sexagésima)	D. Afonso
	12	m(illesima)	Adosinda
	12	c(entesima)	Adosinda
	12	(trigesima)	Adosinda
	12	(oitava)	Adosinda

#### 5.4. Notas tironianas e nomina sacra

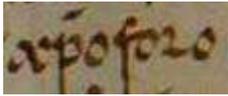
De acordo com Sobral (2007, p. 18), as notas tironianas fazem parte do sistema de abreviaturas que era utilizado pelos romanos desde aproximadamente o século II a.C. e eram usadas “para reproduzir integralmente os discursos dos oradores romanos” (SOBRAL, 2007, p. 20). Como exemplo, no texto da carta de Adosinda, encontramos uma nota tironiana na linha 3, como mostrado na imagem 5 a seguir, que representa a conjunção aditiva “et”.

**Imagem 5:** retirada da terceira linha do fac-símile da carta de Adosinda



Além das notas tironianas, existiam também os *nomina sacra*, que “são abreviaturas utilizadas para substituir os termos sagrados nos manuscritos cristãos” (SOBRAL, 2007, p. 21). De acordo com Sobral (2007), não tinham qualquer relação com economia de espaço e sim em respeito a Deus. No *corpus* de trabalho encontramos um exemplo de abreviaturas *nomina sacra*:

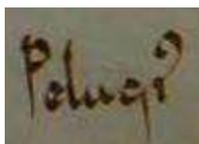
**Quadro 6:** Abreviaturas *nomina sacra*

Imagem da abreviatura	Linha	Desenvolvimento	Documento
	3 e 6	(christ)oforo	Adosinda

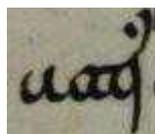
## 5.5 Abreviaturas especiais

Também são encontradas abreviaturas que utilizam um sinal especial semelhante ao algarismo 9 para indicar as terminações em *us*, como exemplificado nas imagens 6 e 7 nas palavras “pelagi(us)” e atq<sup>9</sup>:

**Imagem 6:** imagem retirada da quinta coluna do fac-símile da carta de Adosinda



**Imagem 7:** imagem retirada da quinta coluna do fac-símile da carta do Rei D. Afonso



## **Considerações finais**

Os documentos manuscritos, de acordo com Sobral (2007, p. 31), possuem “duas faces distintas e ao mesmo tempo inseparáveis: guardam e escondem informações”. Cabe a nós, pesquisadores, buscar esses textos, investigá-los, interrogá-los, com o objetivo de trazer à luz informações que se escondem e se perdem nas névoas do tempo.

Neste trabalho, realizamos um breve estudo paleográfico das abreviaturas visigóticas, com o intuito de auxiliar a sua decifração em documentos latino-portugueses e contribuir com o período proto-histórico da língua portuguesa. Além de questões relacionadas à língua desse tipo de documentação, o grande número de abreviaturas e a dificuldade de seu desenvolvimento são fatores que dificultam o trabalho do pesquisador interessado em ler, transcrever e investigar esses textos.

Abordamos, dessa forma, informações gerais sobre as abreviaturas e suas dificuldades. Trouxemos as informações arquivísticas e fac-similares dos documentos utilizados para a realização do estudo conservados no Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT). Após estas seções, iniciamos uma apresentação sobre o modelo de escrita visigótica, assim como a língua apresentada nas cartas, o latim notarial. Apresentamos também as transcrições realizadas. Por fim, apresentamos exemplos das abreviaturas encontradas em ambos documentos juntamente com suas classificações a partir de Muñoz y Rivero (1919) e a obra de Sobral (2007).

## Referências bibliográficas

ALTURO i PERUCHO, J. La escritura visigótica. In: GALENDE DIAZ, J. C; CABEZAS FONTANILLA, S; ÁVILA SEOANE (Coord.), N . Paleografía y escritura hispánica. Madrid. Editorial Síntesis, S. A. 2016, p. 111-130.

BERWANGER, A.; LEAL, J. Noções de paleografia e de diplomática. 5 ed. Santa Maria: Editora UFSM, 2012.

CUENCAS MÚÑOZ, P. La fragmentación de la escritura latina: las escrituras precarolinias. In: TERRERO, A. R. Introducción a la Paleografía y la Diplomática General. Madrid: Editorial Síntesis, 2000, p. 73-87.

DUCHOWNY, A . T.; COELHO, S. M.; COELHO, G. H. Sistema de abreviaturas de documentos adamantinos setecentistas. Revista Letras, Curitiba, n. 90, p. 233-252, 2014. Disponível em: < <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/36430>>. Acesso em maio. 2020.

EMILIANO, A. O conceito de ‘latim bárbaro’ na tradição filológica portuguesa: algumas observações gerais sobre pressupostos e factos (scripto-) linguísticos. In: GONZÁLEZ, J. E. (Org.). *Lenguas, reinos y dialectos en la Edad Media ibérica: la construcción de la identidad : homenaje a Juan Ramón Lodares*. Madrid: Iberoamerica, 2008, p. 191-232.

GUEDES, M. C. R; MARCOTULIO, L. L. Carta de venda feita por Adosinda Justiz a João Gondesindes e Mulher Ximena, de 1100: edição e comentários paleográficos. In: XX Colóquio de Pós-graduação e Pesquisa em Letras Neolatinas. Anais [...]. Rio de Janeiro: PPGLN, 2020. p. 483-489.

HIGOUNET, C. História concisa da escrita. 10. ed. São Paulo: Parábola, 2003.

HOUAISS, A. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

M. L. L.; GUEDES M. C. R. Estudo paleográfico de abreviaturas visigóticas em documentos latino-portugueses do século xi. **InterteXto**, Uberaba, v. 14, n. Especial, p. 358–373, 2021.

DOI: 10.18554/it.v14iEspecial.5646. Disponível em:

<https://seer.uftm.edu.br/revistaelectronica/index.php/intertexto/article/view/5646>. Acesso em: 7 ago. 2022.

MATTOS E SILVA, R. V. (Org.). Normas para transcrição de documentos manuscritos para a história do português do Brasil. In: Para a história do português brasileiro. São Paulo: Humanitas; FAPESP, 2001. (Primeiros Estudos em dois Tomos; v. 2). p. 553-555.

MARÍN MARTÍNEZ, T. (Org.). Paleografía y Diplomática. 3 ed. Vol. I. Madrid: Universidad Nacional de Educación a Distancia, 1988.

MUÑOZ y RIVERO, D. J. Paleografía visigoda: método teórico-práctico para aprender a leer los códices y documentos españoles de los siglos V al XII. Madrid: Daniel Jorro, 1919.

NÚÑEZ CONTRERAS, L. Manual de Paleografía. Fundamentos e história de la escritura latina hasta el siglo VIII. Madrid: Cátedra, 1994.

SANTOS, M. J. A. Ler e compreender a escrita na Idade Média. Lisboa: Edições Colibri, 2000.

SOBRAL, M. G. T. Abreviaturas: uso e função nos manuscritos. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007. Disponível em: < <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/28200>>. Acesso em maio. 2021.

SPINA, S. Introdução à edótica: crítica textual. São Paulo: Cultrix/Universidade de São Paulo, 1977.